

CHINA ESTRATÉGIA É CONTROLAR AS MULTINACIONAIS DO AGRO. POR QUÊ?

A PALAVRA DO CAMPO

# GLOBORURAL

globorural.globo.com

ISSN 0102-6178

00367

MAIO 2016 | N. 367 | R\$ 14,00

MAGAZINE FEDERAL, APROVADA L-10



Pedro Paulo Diniz,  
da Fazenda da Toca,  
em Ibirapina (SP), que  
produz alimentos  
para abastecer  
2200 pontos de  
venda no Brasil

**RÉMÉDIO  
PARA ULCERA**  
Com veneno de  
cobra e sangue  
de búfalo

**BOAS PRÁTICAS  
COM LUCRO**  
Pecuária de  
baixo carbono  
vira negócio



## Anova cara da agricultura orgânica

Grandes empresas como a Fazenda da Toca e a Korin produzem alimentos em larga escala para atender a um mercado que movimenta R\$ 2,5 bilhões no Brasil e cresce 30% ao ano mesmo na crise

**João Lampreia**, de 31 anos, engenheiro ambiental, é gerente-geral da Carbon Trust no Brasil

# Lucro com as boas práticas

Por **Sebastião Nascimento**

**A** consultoria Carbon Trust, criada em 2001 no Reino Unido, com o objetivo de planejar e acelerar a transição para uma economia de baixo carbono, apresentou um programa de boas práticas para a cadeia da carne brasileira. A proposta é operar em três frentes: financiamento, assistência técnica e conscientização em 2 mil fazendas. O diferencial do programa é o foco na recuperação de pastagens degradadas, com um viés de negócios, diz João Lampreia, mestre em ciências ambientais. "Não é somente a questão de ser ambientalista e amigo das árvores. Uma nova economia está se formando e cada vez mais cresce a demanda por produtos de baixas emissões", afirma. O Programa de Boas Práticas na Cadeia da Carne, como o próprio nome diz, engloba unidades de processamento, transporte boiadeiro e varejo.

**Globo Rural** > O que é o Programa de Boas Práticas na Cadeia da Carne Brasileira e quem o desenhou?

**João Lampreia** > É uma proposta de programa desenhado pela Carbon Trust, consultoria independente e sem fins lucrativos, da qual sou gerente aqui no Brasil. Temos um histórico de construção de projetos em grande escala de redução de emissão de gases de efeito estufa (GEE) mundo afora. Exemplos: Reino Unido, China e México. Todos eles têm em comum o objetivo de reduzir a emissão de gases de efeito estufa, mas com um viés de negócios. Nenhum pecuarista, ou empresa, deseja a redução sem ganhar nada com esse tipo de ação. A ótica é empresarial também, visa dar lucro. Iremos replicar no Brasil os programas que a Carbon Trust faz com êxito. Nossa fórmula é desatravar investimentos. Tornar a cadeia da carne mais eficiente, orientando sobre a redução da emissão como forma de o pecuarista, por exemplo, aumentar a produtividade e tornar lucrativa a sua atividade. No Brasil, o programa foca a pecuária de corte e sua cadeia, unindo três pontas: o financiamento, a assistência técnica e a conscientização. Primeiro, é preciso conscientizar para criar demanda pela assistência técnica e financiamento. Esse modelo de três frentes de ação está chegando agora ao Brasil.

**Globo Rural** > Por que a pecuária de corte especificamente?

**Lampreia** > Quando chegamos ao país, procuramos saber qual o setor prioritário. No Brasil, consultamos o Ministério da Agricultura, o do Meio Ambiente, ONGs, empresas e entidades. Há dois anos, nos foi apontado que a pecuária de corte é um grande emissor de gases de efeito estufa, com 17% das emissões diretas, enquanto 24% são seus efeitos indiretos, ou seja, correntes de mudanças no uso da terra e de desmatamento. Assim, a pecuária de corte é responsável por 41% das emissões diretas e indiretas. Esse número é monumental. O efeito direto é a fermentação entérica, processo que ocorre no rúmen dos bovinos e produz metano, gás que contribui para o aquecimento. Podemos até considerar o indireto como direto, pois é a pecuária causando desmatamento, por exemplo. Quando uma floresta, que estocava carbono, é convertida em pasto, a cobertura vegetal é tirada do solo e suas consequências no ecossistema são conhecidas.

**Globo Rural** > Conservar o meio ambiente e propiciar lucro ao pecuarista. Daí o mote escolhido para o programa "Boas práticas, em escala"?

**Lampreia** > Um grande programa de combate ao efeito estufa – e nossas experiências atestam – não é mais só uma questão ambientalista e de ser amigo das ár-



“

**Não é mais só uma questão ambientalista e de ser amigo das árvores. É também de negócios”**

vores. Também é isso, claro, mas hoje é uma questão de negócios, de produtividade e lucratividade, no momento em que uma nova economia surge no mundo e nela a demanda por produtos de baixas emissões aumenta. Grandes empresas não compram mais uma mercadoria de origem duvidosa ou que possa causar desmatamento. E qual seria o porte da oportunidade? O Brasil tem milhões de hectares degradados e, se os pecuaristas pudessem produzir mais emitindo menos, poderiam ganhar mais dinheiro.

**Globo Rural** ▶ Como fazer isso?

**Lampreia** ▶ Isso não está ocorrendo, ou então é em escala pequena. Nossa proposta é incentivar e dar sustentação ao ganha-ganha. É o que nos motiva, pois falta um ator que catalise isso tudo, junte as partes corretas e faça sentar à mesa quem propicia o financiamento, quem entende de boas práticas e aquele que ofereça assistência técnica. Há pecuaristas que talvez não conheçam ainda o ganho comercial que as boas práticas ocasionam. É uma questão cultural. Com essas mudanças, ganha também o governo brasileiro, que assinou metas ambiciosas de redução de emissões. Assim, juntando todas as partes,

“

## O Estado de Mato Grosso, que concentra o maior rebanho bovino do Brasil, é o alvo principal do programa”

fica evidente que as boas práticas, que por aqui ocorrem ainda de maneira pontual, se capitalizadas, podem ganhar escala.

**Globo Rural** ▶ Qual a área de atuação efetiva do programa?

**Lampreia** ▶ Trabalhar com 2 mil fazendeiros e, com cada um deles, executar módulos de 100 hectares, o que dá um total de 200.000 hectares de pastos recuperados e uma recuperação de 16 milhões de toneladas de dióxido de carbono ( $CO_2$ ). É pouco comparado ao tamanho do problema, mas já é um ganho de escala tremendo, afinal, hoje em dia, o maior projeto em execução funcionando no país tem 15 fazendas. Começamos com 2 mil produtores e, conforme a entrada de recursos internacionais, iremos fazer mais. Lembro que o programa contempla toda a cadeia produtiva: pecuaristas, transporte boiadeiro (gado vivo), processamento, transporte refrigerado e varejo de alimentos.

**Globo Rural** ▶ Qual o total de recursos pretendido?

**Lampreia** ▶ Pensando conservadoramente, são US\$ 120 milhões no total, sendo que US\$ 20 milhões irão exclusivamente para a assistência técnica e a conscientização do produtor. Porém, se conseguirmos US\$ 200 milhões, poderemos fazer um programa duas vezes maior. Vários dos fundos que a gente mira nós já trabalha-

mos com eles. São fundos internacionais que estão aí para ser usados na redução da emissão de gases de efeito estufa. Como o Green Climate Funds (Fundo Verde do Clima), o maior dessa modalidade, recém-assinado por vários países, inclusive o Brasil, em Paris. Tem vários outros, entre eles, o International Climate Funds (Fundo Internacional do Clima), criado pelo governo britânico, ou os dos governos alemão e dinamarquês. Internamente, temos o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que receberá os recursos dos fundos para então repassar aos bancos.

**Globo Rural** ▶ O programa envolve o grande, o médio ou o pequeno?

**Lampreia** ▶ Nós levantamos a questão junto com o Ministério da Agricultura. Foi constatado que um grande produtor conhece os modelos de boas práticas disponíveis, sabe também tomar empréstimos. Já no caso do pequeno, a resposta foi a de que a pulverização é imensa, e isso traz dificuldades. Assim, foi acordado com o ministério que os pequenos que estão virando médios são o público-alvo. E fortalecer a classe média rural é uma das prioridades do ministério.

**Globo Rural** ▶ A atuação vai ser maior em Mato Grosso?

**Lampreia** ▶ Não foi nossa a decisão. Jamais somos impositivos. Tivemos análises dos ministérios da

Agricultura e do Meio Ambiente, além de contar com o apoio de especialistas gabaritados da consultoria Agroicone e da Abiec, associação que representa os exportadores de carne. Foi consenso que em Mato Grosso, onde o maior rebanho bovino está concentrado e o maior produtor de carne, o perigo de desmatamento é maior. E o Estado abriga partes da Floresta Amazônica e dos Cerrados.

**Globo Rural** – Simon Retallack, diretor da América Latina da Carbon Trust, disse que é possível implementar o programa em dois anos.

**Lampreia** ▶ Estamos finalizando os entendimentos com os ministérios da Agricultura e do Meio Ambiente. Com a documentação completa debaixo do braço, levaremos para os potenciais financiadores. Realmente, o Simon Retallack afirmou que, dentro de dois anos, o programa deve começar a ser implementado. Eu acho que até um pouco antes, em meados de 2017, pois já estamos tendo reuniões com potenciais financiadores. Posso adiantar que o Banco Mundial está muito interessado. O setor privado do banco acha que é possível colocar US\$ 100 milhões na iniciativa. Estou muito otimista, afinal é a primeira vez que um programa é desenhado por centenas de mãos, o que o torna robusto. São dois ministérios, o BNDES, o Banco do Brasil, grandes empresas e entidades, além da participação fundamental da Embaixada Britânica no Brasil, que custeou o desenho do programa com recursos do Prosperity Fund, que tem como um dos principais objetivos promover o crescimento sustentável entre os emergentes.